

Racismo, ativismo social e reparação histórica

– Para que a memória não sirva de restolho

Sheila Khan

Investigadora no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho
sheilakhan31@gmail.com

Chego a este texto como alguém que se recorda dos primeiros ensinamentos enquanto aluna do curso de Sociologia, básicos e simples: a relevância de contextualizar os problemas sociais, culturais, políticos e económicos das nossas sociedades. O que parece um princípio sem grandes complexidades e exigências, porém, o seu exercício nem sempre é constante no que diz respeito às explicações que escutamos sobre o racismo sistémico, o ativismo social e a reparação histórica. Os crimes raciais não são meros fenómenos mediáticos e nem devem ser tratados pelos nossos sentidos desse modo. Pelo contrário, a relevância de combater o facilitismo histórico importa e é extremamente urgente, por um lado, para melhor chorarmos e debatermos as mortes de George Floyd e de Bruno Candé, para não mencionar tantos outros nomes. E, por outro lado, para trazer para a nossa reflexão o sentido de raiz, de origem dessas mortes, temos de iniciar esse enlutamento bem lá para trás, para os séculos que celebraram e defenderam a modernidade e com ela toda uma engenharia construtora e legitimadora de uma classificação, distinção e hierarquização racial entre seres humanos, culturas e identidades. Os legados da expansão colonial e imperialista são uma presença que ainda perpassa as esferas sociais e políticas das sociedades contemporâneas, quer ex-colonizadoras, quer ex-colonizadas. Paulo de Medeiros num texto marcante e magistral, diz sobre a sobrevivência deste passado o seguinte:

Na realidade, apesar de algumas noções esperançosas, e outras ingénuas, sobre a possibilidade de se entrever uma sociedade em que a “raça” não tivesse qualquer importância, o oposto impera. Nem sequer se pode dizer que “raça”, enquanto categoria tenha alguma vez desaparecido; portanto, não se trata de regresso nenhum. Não, essa categoria esteve

sempre bem presente, nunca nos largou, mesmo se alguns de nós nos tivéssemos esquecido dela, ou o desejássemos. E é exatamente devido a essa suposta abolição do racismo para os confins da História, que o confronto com o racismo e tudo aquilo que ele acarreta, é agora, mais do que nunca, urgente. (2000, p.1)

Este debate sobre o racismo e sobre todas as vozes que se levantam contra atos hediondos e insultuosos à nossa crença de fraternidade e de equidade universal (Davis, 2020) é algo que urge partilhar com os nossos alunos; desconstruir e desocultar os mecanismos que reforçam nos nossos dias as lógicas de hierarquização racial, de racialização, para a partir daí dar a perceber a gramática contemporânea do racismo sistémico. O passado da experiência colonial e imperialista não é um animal moribundo e desocupado, ele vive e sobrevive nas nossas instituições, nas nossas vidas, nas nossas narrativas e, acima de tudo, no espólio da memória coletiva e pessoal. A literatura, entre outros dos seus parceiros de reflexão como a antropologia, a sociologia, a política e história, tem revisitado com uma minúcia avassaladora o legado desse passado no nosso presente (Almeida, 2019; Baldwin, 2018; Evaristo, 2020; Faria, 2016; Figueiredo, 2009; Morrison, 2009, 2018), sem pretensão de o curar. Mas de o olhar de frente, de o interrogar, de o desafiar para um diálogo sem esconderijos e hesitações. Toni Morrison foi ímpar nesta clarividência ao compreender a dinâmica desse passado no nosso tempo contemporâneo, ao tocar com a sua escrita no húmus de uma experiência que perfura e magoa a dignidade humana. Uma intenção que sem subterfúgios implicou para a autora assumir este pensamento:

A investigação que olha para a mente, imaginação e comportamento de escravos é valioso. Mas igualmente valioso é um esforço intelectual sério para ver o que a ideologia racial faz para a mente, imaginação e comportamento dos mestres. (Morrison, 1993, pp. 11-12)

Dar um contexto sólido e escorreito sobre racismo é transportar para o lugar sóbrio da cidadania o papel do ativismo e da reparação histórica. Sem uma consciência clara do que foi a narrativa histórica das nossas sociedades, é colocar num túnel escuro e afunilado o dever de memória que o ativismo social e os compromissos complexos e dolorosos das reparações históricas

assumem para milhares e milhares de seres humanos que viram e veem as suas memórias apenas a servirem de restolho (Hall, 2018).

Que os alunos desta Escola de Verão possam ter sentido o pulsar da História no exercício de uma contextualização sobre racismo, ativismo e reparação histórica é um avanço de fraternidade, de conhecimento esclarecido e lúcido sobre onde estamos, como aqui chegamos e para onde podemos caminhar, dependendo do equilíbrio que desejamos dar em termos do reconhecimento entre as nossas visões do mundo e as do mundo dos outros.

Bibliografia

- ALMEIDA, D. P. (2019). *Luanda, Lisboa, Paraíso*. Brasil: Companhia das Letras.
- BALDWIN, J. (2018). *Se esta rua falasse*. Lisboa: Alfaguara.
- DAVIS, A. (2020). *A Liberdade é uma luta constante*. Lisboa: Antígona.
- EVARISTO, B. (2020). *Rapariga, Mulher, Outra*. Lisboa: Elsinore.
- FARIA, P. (2016). *Estranha guerra de uso comum*. Lisboa. Ítaca.
- FIGUEIREDO, I. (2015). *Caderno de memórias coloniais*. Lisboa: Caminho.
- HALL, C. (2018). Doing reparatory history: bringing ‘race’ and slavery home, *Race & Class*, 60(1), 3-21. <https://doi.org/10.1177/0306396818769791>
- MEDEIROS, P. (2020). Com a boca cheia de sangue: Da responsabilidade dos intelectuais (3).Retirado de https://memoirs.ces.uc.pt/ficheiros/4_results_and_impact/4.3_newsletter/memoirs_newsletter_116_pm_pt.pdf
- MORRISON, T. (2009). *A dádiva*. Lisboa: Editorial Presença.
- MORRISON, T. (2018). *Beloved*. Lisboa: Editorial Presença.